

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO TEORIA E INSTRUMENTO METODOLÓGICO PARA A PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Sebastiana Lindaura de Arruda Reis¹

Luzia Marta Bellini²

Resumo

Este artigo apresenta a contribuição da teoria das Representações Sociais (RS) de Moscovici às pesquisas acerca das representações de Meio Ambiente. Apresenta investigações do período de 1995 a 2004 desenvolvidas no Brasil e Portugal que fizeram relação entre a teoria das RS e o campo de investigações ambientais.

Palavras-chave: Representação Social, Meio Ambiente; Educação Ambiental

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo apresentaremos o levantamento de estudos realizados no período de 1995 a 2004 acerca do tema Representações Sociais e a pesquisa em Educação Ambiental pontuando a importância da teoria das Representações Sociais - RS - para o campo das investigações em meio ambiente e ecologia. A teoria das RS foi inicialmente utilizada nas pesquisas de áreas de Psicologia Social. Logo após, a área da Saúde desenvolveu também muitos trabalhos e, devido ao seu alcance social, a teoria das RS foi reconhecida por outros campos como fecunda do ponto de vista teórico e metodológico como o de Educação Ambiental, por exemplo.

Nessa perspectiva, nossa intenção, foi o de indicar a riqueza da teoria das RS e as investigações decorrentes dessa concepção teórica que sustentam as investigações no campo

¹ Doutora em Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais da Universidade Estadual de Maringá. Bióloga da Universidade Federal de Mato Grosso(UFMT). Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Biociências. Endereço: Avenida Fernando Correia, s/n, Coxipó, 78060900 - Cuiabá, MT – Brasil. Telefone: (065) 36158870. E-mail: slareis@cpd.ufmt.br

² Doutora em Psicologia Social pela USP/SP. Professora do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Estadual de Maringá. Endereço: Av. Colombo, 5790, 87020-900 Maringá, PR, Brasil. Fone institucional: (44) 3011-4839. Fone residencial: (44) 3263-2164. E-mail: martabellini@uol.com.br

ambiental no período de 1995 a 2004. Lembramos que o artigo é um recorte da tese de doutorado de uma das autoras, Sebastiana Reis, “Comunidades ribeirinhas e suas representações sociais de ambiente sob impactos de represas das bacias do rio Paraná e rio Cuiabá/MT”, no Programa de Pós - Graduação em Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais da Universidade Estadual de Maringá, em 2008. Algumas ideias expostas aqui estão presentes também no capítulo do livro Educação Ambiental: fundamentos para o ensino e a pesquisa, organizado para o Ensino a Distância da Universidade Estadual de Maringá, de 2011, publicado pela editora da mesma Universidade.

Um dos objetivos deste artigo é o de contribuir com aquilo que consideramos fundamental no processo de conhecimento e de pesquisa na área de Meio Ambiente ou de Educação Ambiental: trazer ao debate teorias como a de Moscovici interpondo, assim, o tema interdisciplinaridade como essencial à investigação daqueles que estão em campos como o da Educação. Mais do que nunca, esse campo enriquece com teorias advindas das ciências humanas e da psicologia, no caso, aqui, da Psicologia Social preconizada por Serge Moscovici.

1.1 A ideia de Representação Social

Para começar vamos apresentar aspectos da teoria da Representação Social de Moscovici. O termo Representação Social foi elaborado por Moscovici em seu doutoramento, *La Psychanalyse: son image et son public*, de 1961. Essa teoria foi muito importante porque até então predominava a tradição de pensar as nossas representações mentais fundamentados pela ideia da cópia. Ou seja, nosso pensamento seria produzido pela coincidência entre a realidade e a representação mental que fazemos desse real. Foi uma ideia que influenciou as ciências sociais e a psicologia (ver JOVCHELOVITCH, 1998). Os teóricos dessa fase, entre eles Schutz, Weber, Durkheim e Marx, para Minayo (1995), enfatizavam a dimensão coletiva das representações associando - na à “ideia”, “espírito”, “concepção” ou “mentalidade” (MINAYO, 1995).

Moscovici retomou de Durkheim a noção de Representações Coletivas e a transformou em Representações Sociais – RS – reconhecida, hoje, como um dos pilares da Psicologia Social. Nessa teoria a dimensão coletiva é retomada, mas não há uma separação dos indivíduos, dos grupos e da sociedade. Pelo contrário há uma dialética entre essas

dimensões. A produção dos saberes sociais pelos indivíduos e/ou grupos sociais é construída pela inscrição cultural destes nas tramas sociais às quais pertencem, atuam e vivem. E assim também ocorre o contrário, a sociedade recebe essa construção e a mantém mediante as relações do mundo vivido nas instituições, nos grupos, igrejas, movimentos culturais etc (Ver JOVCHELOVITCH, 1998). Em outras palavras, há uma íntima relação dos indivíduos e sociedade mediada pelos grupos sociais aos quais pertencemos e, nessa partilha, não há como não pensar no papel da teoria da argumentação, da comunicação, enfim da linguagem.

1.2 Conceitos e uso da Teoria das RS

Se vamos além da ideia de cópia como fundamento da representação, se vamos além de tomar somente a dimensão coletiva da representação mental, temos que como afirma Jodelet (2001, p.27), compreender que o ato de representar apresenta quatro características fundamentais, que são: a) a representação social é sempre representação de alguma coisa (objeto) e/ou de alguém (sujeito); b) a representação social tem com seu objeto uma relação de simbolização e de interpretação (significações); c) a representação nós é apresentada como uma forma de saber, de modelização do objeto legível por um suporte linguístico, comportamental ou material; d) a qualificação desse saber está ligada à experiência do indivíduo em seu contexto social.

Nesse caminho, todos nós produzimos saberes; nas vilas rurais, nas comunidades de ribeirinhos, nos bares etc. Produzimos formas de conhecer e de se comunicar que são móveis. Moscovici define duas delas, a consensual e a científica, cada uma gerando seu próprio universo. São elas: a) Universo consensual – [...] Aquele que se constitui principalmente na conversação informal, na vida cotidiana. As Representações Sociais constroem-se mais frequentemente na esfera consensual, embora as duas esferas não sejam totalmente estanques. As sociedades – são representadas por grupos de iguais, todos podem falar com a mesma competência. A Representação Social é o senso comum, acessível a todos (ARRUDA, 2002, p.130); b) Universo reificado (ou científico) – Produzido no espaço científico, com seus cânones de linguagem e sua hierarquia interna. A sociedade é de especialistas onde há divisão de áreas de competência. Aqui é a Ciência que retrata a realidade independente de nossa consciência; estilo e estrutura fria e abstrata (ARRUDA, 2002, p.130).

Moscovici trata ainda das funções das representações sociais. Ou seja, o que elas fazem? Podemos responder então: as RS convencionalizam os objetos, pessoas ou acontecimentos; dão forma definitiva aos fenômenos, os localizam em uma determinada categoria e gradualmente os põem como um modelo de determinado tipo, distinto e compartilhado por um grupo de pessoas (MOSCOVICI, 2004, p. 34). AS RS também têm a função de serem prescritivas, isto é, elas se impõem sobre nós com uma força irresistível. Elas nos prescrevem algo, objetos, fenômenos sociais com uma força muito forte, como uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado (MOSCOVICI, 2004, p. 34).

Em educação ambiental é importante conhecer a teoria nesse aspecto. Isso porque quando trabalhamos com grupos sociais distantes culturalmente de nossos saberes, ou melhor dizendo, com outros saberes, nos estranhamos. Chegamos a um grupo de ribeirinhos com a ideia de que todo vegetal é planta e que nada poderia ser queimado, ou destruído. Mas, planta para um determinado grupo social não são todos os vegetais; podem ser apenas o grupo de plantas que são comestíveis e/ou importantes para a comunidade. Plantas que meu grupo considera importante podem ser “quiçaça”, “mato”, etc para esse outro grupo social. São diferentes representações de plantas.

Para Abric (2000, p.28) essas representações têm um papel fundamental nas dinâmicas sociais e respondem a quatro funções: 1) a função de saber: as RS permitem compreender e explicar a realidade; permitem que os atores sociais adquiram os saberes práticos do senso comum em um quadro assimilável e compreensível, coerente com seu funcionamento cognitivo e os valores aos quais eles aderem; 2) a função identitária: as RS definem a identidade e permitem a proteção da especificidade dos grupos. Situam os indivíduos e os grupos no campo social, permitindo a constituição de uma identidade social e pessoal gratificante, compatível com valores social e historicamente determinados; 3) a função de orientação: as RS guiam os comportamentos e as práticas. São prescritivas de comportamentos ou de práticas obrigatórias; definem o que é lícito, tolerável ou inaceitável em um dado contexto social; 4) a função justificadora, que permite, *a posteriori*, a justificativa das tomadas de posição e dos comportamentos dos indivíduos ou grupos sociais.

1.3 Por que criamos as representações sociais?

Por que criamos as representações sociais? A finalidade, diz Moscovici (2004), de todas as representações é tornar familiar algo não – familiar. Por quê? Porque os universos consensuais são universos familiares, estáveis e, portanto, sem conflitos. São o mundo onde queremos ficar. Mas, o mundo é uma dinâmica, é mudança. Então, o universo onde tudo o que é dito ou feito mantém minha crença pode ser desestabilizado pela mudança, pelo não – familiar. O não – familiar perturba nossa vida e representações. A tendência do indivíduo exposto ao não – familiar é escolher sempre o familiar. No entanto, aquilo que nos é incomum, o não - familiar pode modificar nossas crenças e nos fazer rerepresentar o novo (MOSCOVICI, 2004).

Como a passagem do familiar ao não – familiar não corresponde à teoria do espelho, da cópia, Moscovici fala de processo de assimilação do não - familiar, que é constituído por dois processos: o de ancoragem e de objetivação (OLIVEIRA ; WERBA, 2003). A ancoragem é o processo pelo qual procuramos classificar, encontrar um lugar e dar nome a alguma coisa para encaixar o não - familiar. Mediante esse processo, podemos falar esse não – familiar, avaliá-lo e comunicá-lo, enfim, representá-lo em nosso mundo familiar (MOSCOVICI, 2004, p.61).

Para Moscovici (2004, p.66) é impossível classificar sem ao mesmo tempo dar nomes. Ao nomear algo, nós o tiramos do anonimato perturbador e o levamos à matriz de identidade de nossa cultura. Dar nome, dizer que algo é isso ou aquilo – se necessário, inventar palavras para esse fim – nos possibilita construir uma malha que seja suficientemente pequena para “impedir que o peixe escape” e, desse modo, nos dá a possibilidade de representar essa realidade (MOSCOVICI, 2004, p. 66). Isso, disse Moscovici (2004), é o resultado da objetivação; um processo mais atuante que a ancoragem pelo qual unimos um conceito com uma imagem, descobrimos uma qualidade icônica, material ou de uma ideia. Quando isso ocorre, o saber, seja qual for, deixa de ser apenas uma cópia da realidade.

A objetivação diz respeito à descoberta da qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem. Comparar é já representar, preencher com substância o que está naturalmente vazio. Exemplo: comparamos Deus com um pai e o que era invisível, instantaneamente se torna visível em nossas mentes (MOSCOVICI, 2004, p.71).

Desse modo, ancoragem e objetivação são maneiras de lidar com a memória. A ancoragem mantém a memória em movimento para dentro, está sempre armazenando e

excluindo objetos, pessoas e acontecimentos classificados e nomeados por essa ancoragem. A objetivação, mais ou menos direcionada para fora (para outros), elabora conceitos e imagens para reproduzi-los no mundo exterior (MOSCOVICI, 2004, p.78).

2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO MEIO AMBIENTE PARA A INVESTIGAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Estudos da área ambiental indicam que há várias concepções de meio ambiente e da questão ambiental. O próprio termo meio ambiente designa não tanto um “objeto” específico como, por exemplo, “natureza”, “espaços naturais”, “paisagens”, “assentamentos”, mas uma relação de interdependência. O termo meio ambiente apresenta diferentes perspectivas teóricas e escalas, refletindo ou uma opção por problemáticas específicas nas variadas áreas de especialização científica ou um conjunto de teorias (VIEIRA, 1998).

Moscovici (1977) problematizou a concepção de natureza que vigora entre nós, ou seja, a noção de que haveria uma natureza e uma sociedade em oposição, pensamento estruturado sobretudo no século XVIII. Para ele natureza e sociedade não são dois pares opostos, não devem ser pensados como uma oposição. Contra esta perspectiva dicotômica Moscovici (1977) disse: “Numa época em que a questão é mais a de defender a natureza contra o homem do que o homem contra a natureza” é preciso repensar esta dicotomia para por fim ao que nos incita a ver uma natureza não humana e um homem não natural.

A sociedade não é uma característica exclusivamente humana. A nossa sociedade não representa um rompimento com a natureza. A nossa sociedade, com as suas características particulares, nasceu não da natureza, mas de outra sociedade. E assim: “natureza e sociedade não se excluem mutuamente”. “Os homens não puderam, nem pode evoluir, tal como as outras espécies, senão transformando a natureza” (MOSCOVICI, 1977, p.37).

2.1 Educação ambiental e RS

Há consenso entre os educadores ambientais, técnicos e pesquisadores da área ambiental que qualquer programa de educação ambiental precisa levar em consideração as representações sociais que o grupo social ou comunidade envolvida pelo projeto faz do meio

ambiente e de sua relação com ele. Aliás, o próprio termo meio ambiente não pode ser tomado como um conceito rígido e definitivo. É mais apropriado estabelecê-lo como uma representação social, isto é, uma visão que evolui no tempo e varia conforme o grupo social. É fundamental identificar essas representações sociais do meio ambiente porque todo o trabalho de EA é uma tentativa de intervir em tais representações, reforçando os aspectos positivos e transformando os negativos. Uma pesquisa com esse perfil é capaz de indicar o que, efetivamente, é necessário mudar e o que é preciso reforçar (TREVISOL, 2004).

Especificamente em relação ao meio ambiente, Reigota (2002), foi um dos autores/pesquisadores pioneiros em aliar a teoria das RS às investigações sobre meio ambiente. Para este pesquisador, nas representações sociais identificamos conceitos científicos que foram apreendidos pelas pessoas e apresentam do ponto de vista social um caráter difuso e variado, não havendo um consenso entre essas pessoas. Isso demonstra uma diversidade de representações acerca do meio ambiente, o que significa uma multiplicidade de significados que circulam entre nós.

Constatado esse fenômeno de diversidade de pensamento sobre um fenômeno ou ideia, é importante, no caso de ação e pesquisa ambiental, sobretudo, as que ocorrem com diferentes grupos sociais, a compreensão das diferentes representações de meio ambiente de um grupo porque é isso que nos levará à negociação e solução dos problemas ambientais (Ver REIGOTA, 2002). Ou seja, se soubermos quais são as representações de um grupo sobre determinado problema ambiental podemos atuar de maneira menos conflituosa e encontrando mais soluções entre as pessoas do grupo.

Nessa ótica Reigota (2002, p. 14) expressa sua própria definição de meio ambiente: “O lugar determinado ou percebido onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído”. Ou como disseram Trevisol e Socolovski (2000), um dos objetivos fundamentais da EA é criar situações nas quais os indivíduos possam rever sua concepção de meio ambiente e sua relação ecológica com o mundo ambiental.

Outra pesquisadora relevante no campo ambiental e das RS é Sato (2004). Sato fundamentando-se em Sauv   et. al (2000) classifica as representações ambientais em sete categorias: como natureza, recursos, problema, sistema, meio de biosfera e projeto de vida

que são representações que trazem a interdependência da sociedade com a dimensão ambiental.

A educação ambiental é considerada por Sauv  (2000) como a dimensão da educa o contemporânea que se preocupa em melhorar a rede de rela es pessoas - grupo social - meio ambiente. Nesta perspectiva, o meio ambiente   um eco-sócio-sistema, caracterizado pela intera o entre seus componentes biofísicos e sociais: estando os dois tipos de componentes necessariamente presentes em uma questão chamada ambiental. Para a autora, uma pesquisa que não considera os aspectos sociais em rela o aos aspectos biofísicos que a sociedade se mant m, não pode ser considerada uma atividade do campo da Educa o ambiental.

A educa o ambiental, então, conclui Sato (2004) deve buscar sua eterna recria o, avaliando seu próprio caminho na dire o da convivência coletiva e da rela o da sociedade diante do mundo. Num olhar fenomenológico, significa avaliar a si próprio na busca da identidade individual (ser humano), buscando uma área de aprendizagem coletiva da alteridade (sociedade) e, desta justaposi o, construir uma rela o com o mundo (*oikos*). Isso significa que devemos observar na educa o ambiental um conjunto de rela es sociais que determinam a dinâmica do mundo.

2.2 As pesquisas das representa es sociais de natureza e do meio ambiente

Em nosso levantamento das investiga es sobre as RS e Meio Ambiente vimos que desde a década de 1980, a no o de RS ampliou sua presença em trabalhos do campo ambiental. Com efeito, a ideia de RS está, hoje, nas ciências humanas e não   patrim nio de uma área em particular. As representa es sociais do meio ambiente assim como os valores atuais que contemplam as rela es humanas têm sido foco de pesquisas por parte de órgãos governamentais e educadores, sensibilizados com a importância da EA no Brasil (ARRUDA, 2002).

Os trabalhos no Brasil fundamentados nas representa es sociais surgiram no final dos anos de 1980, em revistas especializadas artigos sobre o tema e simpósios internacionais. Destacaremos, aqui, nosso levantamento de pesquisas realizadas no período de 1995 a 2010.

Um trabalho de destaque   o de Arruda, publicado em 1995. Arruda (1995) em pesquisa intitulada "Representa o Social da ecologia e dos modelos de desenvolvimento" pesquisou 95 de alunos bolsistas (África), Sudeste Asiático e América Latina – EE –

estudantes de Ecologia do curso de especialização sobre o meio ambiente desenvolvido pela UNESCO. Comparou as representações sociais desses grupos a um grupo de estudantes da mesma origem geográfica – 52 pós-graduandos de Ciências Humanas e Letras (EH - Estudantes de Humanas) e um grupo de estudantes franceses (51) de graduação em agronomia (EA – Estudantes de Agronomia). Do ponto de vista metodológico utilizou um extenso questionário com questões abertas e fechadas. O questionamento foi embasado em dois grandes modelos da relação entre a espécie humana e a natureza: o associativo e o dissociativo. O primeiro caracteriza-se pela integração e sensibilidade do homem aos elementos naturais. No modelo associativo, considera-se que as questões sociais deverão resolver-se por si mesmas, a partir do momento em que a ciência tiver cumprido o seu papel. O segundo modelo proposto por Arruda, o dissociativo, é expressado pela relação negativa entre o homem e a natureza, na qual a intervenção humana aparece de forma ambivalente - benéfica, para a espécie humana (aspectos sociais) e predatória, para a natureza -, demonstrando a separação entre os dois universos e a confiança nas possibilidades humanas. A natureza é vista como fonte de riquezas, extraídas por meio da tecnologia, gerando o crescimento. Estes modelos são as representações mais gerais da relação entre a espécie humana e o seu ambiente em que leva o sujeito privilegia certos aspectos da ação humana sobre o meio e apresenta certa concepção de ecologia. A autora chama a atenção para o fato de que é a partir do lugar onde se situa o sujeito que este pensa e atua sobre o ambiente. Assim, quando o ambiente é pensado como externo ao seu meio natural, o sujeito exerce ação predatória sobre o meio e a função da ciência e dos que a controlam torna-se mais importante do que o papel do sujeito como parte integrante deste meio.

Outra pesquisa sobre a RS é a de Tarso Mazzotti, publicada em 1997. Mazzotti (1997) no estudo “Representação Social de problemas ambientais: uma contribuição para a educação ambiental” entrevistou professores (60), estudantes (45), lideranças comunitárias (9), analisou documentos governamentais e não governamentais (12) e livros didáticos e manuais de ensino (10). Os dados referentes aos professores, estudantes e lideranças foram coletados mediante entrevistas semi-estruturadas. Os resultados encontrados foram que os professores e estudantes apresentaram a mesma representação de problema ambiental: poluição, sujeira, desmatamento produzidos pelo homem. Estes três grupos apresentam a solução desses problemas pela mudança no uso das tecnologias. Quanto aos livros e documentos analisados, a representação dos problemas ambientais é visto como desequilíbrio produzido pelo “estilo

de vida” da sociedade moderna. A busca de solução proposta por esses documentos deve ser a construção da sociedade sustentável representada como equilíbrio estático, harmoniosa, solidária, onde não há diferenças sociais, nem de gênero, nem de etnia, uma sociedade natural/boa para todos os homens e mulheres. O autor problematiza a representação encontrada na investigação que é a de encontrar uma sociedade harmônica, representação incompatível com a noção de produção de vida ecológica/humana.

Moraes et al (2000) também estudou a construção das representações de “meio ambiente”. Sua pesquisa foi realizada entre os profissionais da Educação e pessoas indiferentes (leigas) (491 pessoas), durante a III Reunião Especial da SBPC e VIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE). Metodologicamente tomou o cartaz publicitário da III Reunião Especial da SBPC e por meio deste, fez duas perguntas: uma aberta e outra fechada. Solicitado aos entrevistados que após analisar o cartaz, estes deveriam responder às duas questões: 1) De que modo a sua concepção de meio ambiente está representada nesta figura? (a) totalmente; (b) parcialmente; (c) de nenhum modo e 2) O que você acrescentaria à figura para que a sua concepção de meio ambiente estivesse mais bem representada?

Os resultados foram: quanto à primeira questão, a concepção de meio ambiente estava totalmente representada no cartaz. Quanto à 2ª questão para os entrevistados, a representação de ambiente ficaria melhor se fossem incluídas as temáticas: elementos naturais (inclusão de mais elementos naturais como, rios, montanhas, fauna, flora, terra, dunas, mais verde etc.); atividades humanas (poluição, agressão à natureza, destruição do ambiente, lixo, desmatamento, queimada, ozônio, devastação etc.); figura humana (o homem, mulher, ser humano, pessoas, cadeia alimentar, ação do homem com o próprio homem etc.); integração (integração entre os componentes dos ecossistemas, entre vários ambientes, entre os elementos etc.). Alguns indicaram a categoria sem especificação, respostas que não especificam novos elementos a serem incluídos, como falta algo, muitas coisas, muito amplo, confuso etc. e a categoria Não representada, em que o ambiente não estava representado de modo algum na figura – uma fotografia não representa tudo no meio ambiente.

Para os autores, os dados acerca das representações de meio ambiente, podem ser identificadas como: naturalista em que a representação pode ser associada a uma visão de mundo fragmentada e as conexões e as interdependências não são consideradas; e globalizante, referente ao sistema de referência e o seu meio ambiente, associada a uma visão

de mundo integrada, em que o sistema de referência, é entendido como parte do seu meio ambiente.

Trevisol e Socolovski (2000) na mesma direção das RS apresentaram os resultados obtidos em pesquisa de iniciação científica sobre representações sociais do meio ambiente e educação ambiental, realizada no município de Campos Novos - SC entre 1999 e 2000. Os sujeitos que compuseram a amostra foram 120 professores da rede municipal de ensino. Investigaram como esses atores sociais, os professores, concebiam o meio ambiente e a educação ambiental e, como identificavam quais as maiores carências e necessidades que se sentiam como educadores ambientais. Os dados obtidos mostraram que os professores revelaram-se conscientes da problemática ambiental, embora não tivessem domínio do conhecimento sobre o tema. A representação de meio ambiente foi a de natureza física.

A pesquisa de Reigota, publicada em 2002, “Meio Ambiente e Representação Social”, também efetivada com professores, partiu da hipótese de que a partir das RS de meio ambiente dos professores, podemos caracterizar suas práticas pedagógicas cotidianas. Desse modo, investigando as RS de meio ambiente com docentes, Reigota obteve os seguintes dados: a) cerca da metade dos professores representava ambiente de maneira espacial (lugar onde os seres vivos habitam); b) uma outra parte dos depoentes representava meio ambiente como elementos circundantes (elementos bióticos e abióticos). A noção de ambiente como interação das dimensões sociais, biofísicas, políticas, filosóficas e culturais, nessa pesquisa, estava distante dos professores. Considerando os resultados o pesquisador identificou as seguintes representações de meio ambiente: a) naturalista, ou seja, uma representação fragmentada, onde as conexões e as interdependências não são devidamente consideradas; e b) globalizante, uma representação associada a uma visão de mundo mais integrada, no qual o sistema de referência, mantendo a sua autonomia, é entendido como parte do seu meio ambiente. Concluiu o autor que compreender, em um mesmo grupo, no caso de professores, sua representação de meio ambiente exige do pesquisador uma contínua elaboração de perguntas, de estudos e sua aplicação educativa não deve ser vista como conclusiva.

Outra investigação com as RS é a de Nascimento-Schulze et al publicada em 2002. Os pesquisadores realizaram três pesquisas para chegar às representações sociais de meio ambiente e natureza em três grupos sociais: turistas, moradores locais da cidade de Florianópolis e mediadores do turismo. No primeiro, em 2000a, os pesquisadores utilizaram a metodologia de evocação livre das palavras, pela qual 630 entrevistados, membros dos três

grupos citados, deveriam evocar espontaneamente, cinco primeiras palavras quando citadas as palavras: meio ambiente e natureza.

No segundo, Nascimento-Schulze, em 2000b, entrevistou 120 sujeitos (mesmo grupos sociais) sobre os tópicos natureza e meio ambiente e também sobre suas projeções em relação ao futuro, nos próximos 20 anos, quanto às condições ambientais em Florianópolis. Os dados foram organizados em três temáticas: natureza, meio ambiente e prospecções. Os resultados sobre meio ambiente demonstraram uma preocupação dos três grupos, com a sobrevivência dos seres humanos e com a proteção do habitat. Os dados referentes às projeções feitas para os próximos 20 anos demonstraram uma expectativa negativa em relação ao futuro. Neste estudo, os grupos, sistematicamente incluem os seres humanos nas suas concepções sobre natureza e meio ambiente, diferindo do primeiro estudo.

O terceiro trabalho (2002) está relacionado com as atitudes e as representações sociais diante do meio ambiente. A pesquisa considerou dois conjuntos de crenças opostos: 1 – O Paradigma Social Dominante (DSP) e 2 - o Novo Paradigma Ambiental (NEP). A versão traduzida da escala NEP, com alguns itens acrescentados, foi aplicada em um total de 120 sujeitos (os mesmos do 2º trabalho). Os resultados indicam que os moradores locais discordaram mais radicalmente que os turistas com a afirmativa: “A humanidade foi criada para dominar o resto da natureza”. Uma possível interpretação é a de que o morador local, que tem um contato direto e freqüente com a natureza e a paisagem, e assume um compromisso direto com a preservação da beleza local. Os sujeitos demonstraram preocupação em relação à preservação da natureza e ao futuro dos seres humanos assim como atitudes extremamente favoráveis ao novo paradigma ambiental.

Castro (2002) realizou dois estudos com as RS e meio ambiente. O primeiro estudo, em 2001, procurou conhecer as representações do público português sobre a natureza e o ambiente. Para a sua concretização recorreu-se à escala NEP e a um conjunto de outras escalas que aplicados num questionário com 460 residentes na Área Metropolitana de Lisboa (idade média = 30,2). O questionário incluía a Escala NEP na versão reformulada por Dunlap e colegas em 1992. Incluía também perguntas destinadas a examinar os valores, identidades e crenças sobre a ciência. Nos resultados foi encontrado o primeiro fator de crenças, ou sistema de crenças, denominado Prudência que compreende as seguintes ideias: a Terra tem limitações de espaço e recursos; as pessoas também estão sujeitas aos limites naturais; estamos a abusar do ambiente e a perturbar o delicado equilíbrio da natureza, o que nos pode

conduzir à catástrofe; a ciência fornece-nos respostas relativas. O segundo fator, ou conjunto organizado de crenças, que emergiu das análises fatoriais foi denominado Confiança, e incorpora as seguintes noções: as capacidades humanas irão assegurar que seremos capazes de ultrapassar as limitações do presente, visto que fomos feitos para governar a natureza; o poder e a riqueza são objetivos importantes a seguir; a ciência é capaz de nos fornecer explicações independentes do contexto em que a pesquisa decorre.

O segundo estudo a destacar de Castro, publicado em 2003, foi realizado com cinco grupos de discussão (n = 20), nos quais participaram pessoas que responderam a um questionário. Quatro destes grupos foram homogêneos, ou seja, formados com pessoas que haviam sido classificadas no primeiro estudo como pertencentes ao mesmo grupo. O quinto grupo foi heterogêneo. A partir da análise das transcrições dos grupos de discussão, o pesquisador obteve quatro discursos diferentes assim caracterizados: 1 - O Discurso da Conciliação; 2 - O Discurso da Ação; 3 - O Discurso da Resistência e 4 - Discurso da Espécie Humana. Essa última categoria de discurso ancora-se em uma concepção da Natureza entendida como dinâmica e imprevisível que existe em um tempo que é cósmico no qual somos uma espécie como as outras - a espécie humana.

Tomanik (2002), pesquisador do Grupo de Estudos Socioambientais (GESA) pelo Núcleo de Pesquisa em Limnologia da Universidade Estadual de Maringá (Nupelia/UEM) desenvolveu desde 1990, aspectos psicossociais e econômicos de comunidades ribeirinhas das várzeas do rio Paraná visando elaborar um plano integrado de manejo para possibilitar a manutenção ou recuperação parcial das condições físicas e biológicas do ambiente e, simultaneamente, gerar melhorias nas condições de vida e de trabalho dos grupos ribeirinhos. O primeiro grupo de estudos, realizado por Tomanik, Godoy e Ehlert, em 1997 foi no núcleo urbano do município de Porto Rico, cidade situada nas margens do Rio Paraná, iniciou-se pelo censo demográfico. No segundo estudo (TOMANIK, 1997), o pesquisador apresentou as representações sociais sobre o ambiente e o trabalho de pescadores profissionais do núcleo urbano de Porto Rico. No terceiro estudo, realizado com Paiolla (2000; 2002) os pesquisadores voltaram-se para as perspectivas de vida e de trabalho envolvendo 15 filhos de pescadores ou pescadores jovens da mesma localidade, enquadrados como uma população tradicional. Ainda em 2002, Eid, Sponchiado e Tomanik (2002) por meio de pesquisa participante, estudaram e estimularam a constituição de uma associação ou cooperativa que congregasse os esforços e auxiliasse na superação das condições desfavoráveis de vida e de trabalho dos pescadores.

Em 2004, reportamo-nos à pesquisa de Trevisol (2004), realizada em 2003 com o tema representações sociais do meio ambiente e da educação ambiental envolvendo 44 professores (as) do ensino fundamental (séries iniciais) de 13 municípios da região Meio-Oeste de Santa Catarina. O pesquisador investigou (i) como os professores concebiam o meio ambiente; (ii) como percebiam a problemática socioambiental (local e global) que os cerca; (iii) que sentido e importância atribuíam à educação ambiental; (iv) que ações consideravam mais eficazes para enfrentar os problemas ambientais e, (v) qual o envolvimento dos educadores pesquisados em ações de educação ambiental na escola e na comunidade onde atuavam. Entre as principais conclusões, cabe destacar (a) que os educadores ainda conservavam resquícios de uma visão “naturalista” do meio ambiente; (b) concebiam natureza e sociedade de forma separada; (c) não percebiam as relações de causalidades entre os “problemas ambientais” e os “problemas sociais” e, (d) consideravam extremamente importante a educação ambiental, no entanto consideravam-se ainda pouco preparados para desenvolvê-la.

Quanto aos grupos de pesquisa em Representações Sociais e Meio Ambiente, destacamos, neste artigo, os grupos, um dos quais, trabalha uma das autoras deste artigo:

- a) De Paredes e Andrade que desenvolvem trabalhos relacionados à Educação e Psicologia, no Departamento de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. Lideram o Grupo de Pesquisa em Psicologia da Infância- Infância, representações e práticas educacionais. Dentre os diversos trabalhos, Spinelli (2002) realizou estudos em Representação Sociais de educação ambiental de alunos do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação na área de concentração Educação, Cultura e Sociedade. Nesta pesquisa foram utilizadas as técnicas de grupo focal (GF) e análise de conteúdo temática.
- b) De Reis (2008) que pelo Programa de Pós-Graduação de Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais, da Universidade Estadual de Maringá, realizou o estudo “Comunidades ribeirinhas e suas representações sociais de ambiente sob impactos de represas das bacias do rio Paraná e rio Cuiabá/MT”. O estudo buscou informações com 105 ribeirinhos distribuídos em 12 comunidades ribeirinhas da bacia hidrográfica do rio Paraná, PR e 11 comunidades ribeirinhas da bacia hidrográfica do rio Cuiabá, MT. Os objetivos desta pesquisa foram: investigar os fatores sociais, econômicos, técnicos e políticos que influem na forma de como as

comunidades ribeirinhas das bacias hidrográficas dos rios paranaense e mato-grossense utilizam os recursos naturais locais e identificar suas representações sociais de meio ambiente e as ações culturais de manejo que se refletem na preservação da biodiversidade regional; revelar por meio da história de vida de professoras de comunidades ribeirinhas, as ações pedagógicas e os instrumentos empreendidos no cumprimento das suas responsabilidades educativas, tendo como base representações sociais do conhecimento do ambiente pantaneiro, no sentido de ser explicitada a Educação Ambiental praticada e exercitada.

Atualmente, Reis (2009/2010) com o grupo de pesquisa Representação Social e Meio Ambiente vem desenvolvendo trabalhos nessa área de pesquisa, dentre eles, Representação Social, flora e meio ambiente: um estudo etnobotânico de mata ciliar e usos dos recursos naturais. Outro projeto apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Mato Grosso, encontra-se em desenvolvimento Representação Social da etnoictiologia com pescadores da bacia hidrográfica do rio Cuiabá: Uma proposta de Educação Ambiental com o objetivo de realizar um estudo etnoictiológico a partir das representações sociais dos pescadores artesanais. Este trabalho busca informações sobre a diversidade da ictiofauna da bacia hidrográfica do rio Cuiabá, abordando aspectos morfológicos, ecológicos e comportamentais dos peixes, tais como: habitat, reprodução e comportamento, verificando também as similaridades entre o conhecimento popular e a literatura científica.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos algumas pesquisas que foram sustentadas pela Teoria das Representações Sociais para desenvolver os tipos de representações sociais que encontramos nas investigações em Meio Ambiente. É claro que nossos exemplos de pesquisa não se esgotam aqui. Felizmente, são muitas as pesquisas ambientais orientadas pela Teoria das RS porque as RS desempenham na Educação Ambiental uma forma de compreender como as pessoas pensam seu entorno e como é possível mudar nossas atitudes diante de desafios tão urgentes.

Como teoria, as RS proporcionam a compreensão de como pensamos e como agimos. Podemos compreender como, nós, humanos, selecionamos ideias, adaptamo-nos a elas e

como elas nos orientam na práxis social cotidiana. Sobretudo em relação ao Meio Ambiente, com a teoria das RS vamos compreender porque as mudanças não são rápidas, nem fáceis de ocorrer. Transformar uma ideia, ou alguns princípios em ação, mudar uma prática ambiental leva-nos a primeiro entender como nossos hábitos são constituídos, são passados de geração a geração e quanto tempo permanecem vivos e estáveis em uma cultura.

Muitas vezes, a representação de Meio Ambiente inviabiliza uma mudança de atitude. Por exemplo, quando falamos que devemos preservar as plantas de um local onde estamos trabalhando, precisamos saber se a palavra plantas representa a mesma ideia de todos. Para alguns, planta representam as árvores que dão fruta. Para outros, todos os tipos de plantas, gramas, árvores, cactos etc. Para outros, a “quiçaça” (plantas que são consideradas pragas em algumas culturas) não são plantas e devem ser eliminadas. Há uma diversidade de representações de plantas, inclusive, uma diversidade que liga as plantas às dimensões religiosas. Essas dimensões não podem escapar àqueles que querem trabalhar, pesquisar em educação ambiental, atuar no campo ambiental. A teoria de Serge Moscovici, veio nesse caminho do educador ambiental, do geógrafo, do biólogo e de tantos outros que querem participar de inovações intelectuais, colaborar com a interdisciplinaridade e com o desafio de compreender como pensamos e como podemos atuar e mudar algumas circunstâncias da vida humana.

SOCIAL REPRESENTATIONS AS A TOOL OF ENVIRONMENTAL EDUCATION

Abstract

This paper presents the contribution of Moscovici's Theory of Social Representations (RS) to the research on the representations of the Environment. It presents researches developed in Brazil and Portugal the period from 1995 to 2004 that established the relationship between the theory of RS and the field of environmental investigations.

Keywords: Social Representation, Environment and Environmental Education

REPRESENTACIONES SOCIALES COMO INSTRUMENTO DE LA EDUCACIÓN AMBIENTAL

Resumen

En este artículo se presenta la contribución de la teoría de las Representaciones Sociales (RS) de Moscovici a la pesquisa sobre las representaciones del Medio Ambiente. Presenta investigaciones del período 1995-2004 desarrolladas en Brasil y Portugal, que hicieran la relación entre la teoría de la RS y el campo de las investigaciones ambientales.

Palabras clave: Representaciones Sociales, Medio Ambiente y Educación Ambiental

REFERÊNCIAS

- ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das Representações Sociais. In: MOREIRA, A. SP; OLIVEIRA, D.C. (org.). **ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL**. 2. ed. Goiânia: AB, 2000.p.27-37.
- ARRUDA, A. Ecologia e desenvolvimento: representações de especialistas em formação. . IN: SPINK, M.J. (org.). **O conhecimento no cotidiano: As Representações sociais na perspectiva da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 235-265.
- ARRUDA, A. O ambiente natural e seus habitantes no imaginário brasileiro. In ARRUDA, A. (org.) **Representando a alteridade**. Petrópolis/RJ: Vozes. 2. ed. 2002c.164p.
- BARRETO, F.S. Sobre as representações Sociais e o tempo histórico. **Revista Lâmina**. n.1/set/2005.PPGCOM/UFPE.
- BELLINI, L.M.; LEIMIG, G.A. Estudo da Representação de Paisagens elaborados pelos visitantes do Parque do Ingá (Maringá/PR) **Teia – Revista de Ciências e Educação Ambiental**. Ano I, nº2.dez/2000.
- CASTRO, P. **Natureza, Ciência e Retórica na construção social da idéia de ambiente**. Fundação Calouste Gulbenkian - Minist. da Ciência e do Ensino Superior. 2002. p. 471.
- CASTRO, P. Pensar a natureza e o ambiente – alguns contributos a partir da Teoria das Representações Sociais. **Estudos de Psicologia**. 8(2).2003.p263-271.
- FARR, R. M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: – GUARESCHI, P; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs). **Texto em representações sociais**. 2. ed. – Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.p.31-59.
- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.) **Representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ. 2001.17-44p.

JOVCHELOVITCH, S. Representações Sociais: para uma fenomenologia dos saberes sociais – **Psicologia & Sociedade** 10(1) jan/jun.1998. p.54-68.

LEME, M.A.V.S. O impacto da teoria das Representações Sociais. In: SPINK, M.J. (org.). **O conhecimento no cotidiano: As Representações sociais na perspectiva da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.46-57

LOUREIRO, C.F.; AZAZIEL, M. & FRANCA, N. **Educação Ambiental e gestão participativa em unidades de conservação**. Rio de Janeiro: Ibase: IBAMA, 2003. p. 43.

MARTINI, J.G. As Representações Sociais: teorias e práticas. **Ciências Sociais Unisinos**. v. 37.n.158. jan./jun.2001. p.153-185

MAZZOTI, T.B. Representação Social de “Problema Ambiental”: uma Contribuição à Educação Ambiental. **Revista Brasileira de Pedagogia**. v.78, n.188/189. jan/dez. Brasília 1997. 86-123p

MEDEIROS, M. G. L. de; BELLINI, L. M. **Educação Ambiental como Educação científica: Desafios para compreender ambientes sob impactos**. Ed.UEL.2001.209p.

MINAYO, M. C. S. O conceito de Representações Sociais dentro da Sociologia Clássica. In: – GUARESCHI, P; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs). **Texto em representações sociais**. 2. ed. – Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.p.89-111.

MORAES, E. C; LIMA-JUNIOR; E.; SCHABERLE, F. A.; Representações de meio ambiente entre estudantes e profissionais de diferentes áreas do conhecimento. **Rev. Ciências Humanas**. Edição Especial Temática. EDUFSC. 2000.p. 83-96.

MOSCOVICI, S. **Sociedade contranatura**. Portugal: Teorema/ Bertrand. 1977. 355p

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 2. ed. Petrópolis/RJ:Vozes.2004. p.404

NASCIMENTO - SCHULZE, C. M. Representações Sociais da natureza e do meio ambiente. **Rev. Ciências Humanas**. Edição Especial Temática. EDUFSC. 2000a. p. 67-81.

NASCIMENTO-SCHULZE, C.M; CAMARGO, B.V. Psicologia Social, Representações Sociais e métodos. **Temas em Psicologia da SBP**. v.8. n.3. 2000b. p.287-299.

NASCIMENTO-SCHULZE, C.M; FRAGNANI, E. F. S; CARBONI, L. R.; MALISKA, M. E. Atitudes frente ao novo paradigma ambiental. Um estudo no contexto turístico de Florianópolis. **Rev. Ciências Humanas: Série Especial: Representações Sociais: Questões Metodológicas**. EDUFSC. 2002. p.215-224.

PAREDES, E.C.; ANDRADE, D.B.S.F. **Representações sociais sobre o trabalho das professoras de Educação Infantil: um estudo com estudantes do curso de Pedagogia**. Grupo de Pesquisa: Educação e Psicologia – GPEP. 2009/2012.

PELUSO, M. L. O potencial das representações sociais para a compreensão interdisciplinar da realidade: Geografia e Psicologia Ambiental. **Estudos de Psicologia**. v.8.n.2.Natal. mai/agos/2003. p.1-12

REIGOTA, M. **Meio ambiente e Representação Social**. 5.ed. São Paulo: Cortez. 2002. 87p.

REIS, S. L. A. **Comunidades ribeirinhas e suas representações sociais de ambiente sob impactos de represas das bacias do rio Paraná e rio Cuiabá/MT**. Tese de Doutorado. Programa de Pós - Graduação em Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais do Departamento de Biologia, Centro de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Maringá, 2008. 308p.

REIS, S. L. A; GUARIM-NETO, G.; FERREIRA, H. Projeto de Pesquisa: **Representação social da etnoictiologia com pescadores da bacia hidrográfica do rio cuiabá: uma proposta de educação ambiental (2009/2010)**. Apoio FAPEMAT (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso).

SATO, M. **Educação Ambiental**. São Carlos: Rima. 2004. 66p

SAUVÉ, L. Para construir un patrimonio de investigación en educación ambiental. **Tópicos en Educación Ambiental**. 2(5).2000.p.51-69.

SILVA, J. A. da; SALES, L. C. Representações Sociais de Meio Ambiente Construídas por Alunos de 8ª série do Ensino Fundamental. **Linguagens, Educação e Sociedade**. Teresina-Pi. 5(5): 2000, p.11-2.

SILVA, L. M. A e; GOMES, E. T. A.; SANTOS, M. F. S. Diferentes olhares sobre a natureza – representação social como instrumento para educação ambiental. **Estudos de Psicologia**. 10(1). 2005.p.41-51.

SPINELLI, L.S.F. Representações Sociais de Educação Ambiental de alunos do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso. Dissertação. Mestrado. UFMT. 2002.

TOMANIK, E. A.; GODOY, A. M. G. e EHLERT, L. G. A vida na região: dados socioeconômicos do núcleo urbano de Porto Rico. . In: VAZZOLER, A. E. A.M; AGOSTINHO, A. A. e HAHN, N.S. **A planície de inundação do alto rio Paraná**. Maringá: EDUEM/NUPELIA.1997.p.395-414.

TOMANIK, E. A. Elementos sobre as representações sociais dos pescadores “profissionais” de Porto Rico. In: VAZZOLER, A. E. A. M; AGOSTINHO, A. A. e HAHN, N.S. **A planície de inundação do alto rio Paraná**. Maringá: EDUEM/NUPELIA.1997.p.415-434.

TOMANIK, E. A. Ocupação do espaço, condições de vida e representações sociais. **Rev. Ciências Humanas: Série Especial: Representações Sociais: Questões Metodológicas**. EDUFSC. 2002. p. 225-234.

REIS, S. L. A.; BELLINI, L. M.

TREVISOL, J.V.& SOCOLOVSKI,M. Meio Ambiente e Educação Ambiental: um estudo de representações sociais em professores da rede municipal de ensino de Campos Novos -SC. **Revista Roteiro**.v.xxiv, n.44.Joaçaba.jul/dez.2000. 27-56p.

TREVISOL, J.V. Os Professores e a Educação Ambiental: um estudo de representações sociais em docentes das Séries Iniciais do Ensino Fundamental. **Papers II Encontro do ANPPAS**. São Paulo. maio/2004.GT10; 20p.

VIEIRA, P. F. Meio ambiente, desenvolvimento e planejamento. In: vários autores. **Meio Ambiente, desenvolvimento e cidadania: desafios para as ciências sociais**. 2.ed.São Paulo: Cortez; Florianópolis: EdUFSC,1998. p.45-98.

Data de recebimento: 06/07/2010

Data de aceite: 26/10/2012